

DILMA PUXA POR LULA EM LISBOA

António Saraiva Lima

antonio.lima@sol.pt

Ex-Presidente do Brasil apadrinhou uma verdadeira campanha pela candidatura de Lula da Silva às presidenciais de 2018, na abertura do 'Ciclo de Conferências do Teatro da Trindade'. Dezenas de brasileiros acorreram ao Chiado, com cravos, cartazes e cânticos ensaiados, para ouvir Dilma Rousseff.

Quem tivesse entrado no Teatro da Trindade, no final da tarde da passada quinta-feira, e desconhecesse que ali estava a ter lugar uma conferência, intitulada 'Neoliberalismo, Desigualdade, Democracia Sob Ataque', seguramente acharia que tinha irrompido num comício do Partido dos Trabalhadores (PT) brasileiro. No palanque montado naquela velhinha sala lisboeta, falava Dilma Rousseff, e a cada intervenção da antiga Presidente do Brasil, a assistência respondia com aplausos vibrantes e manifestações de deleite, dignas de um ambiente de fraternidade partidária.

A presença de Dilma em Lisboa – a convite da Fundação Inatel, da Fundação José Saramago, da Casa do Brasil de Lisboa e do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – era aguardada com muita expectativa pelos seus apoiantes junto da comunidade brasileira residente em Portugal, pelo que os bilhetes para assistir à conferência voaram, dias antes, em menos de meia hora. Não obstante, foram várias as pessoas que se acotovellaram no passeio estreito em frente ao Trindade para ouvir a ex-chefe de Estado brasileira, a partir da televisão montada no hall de entrada daquele teatro, erguido no século XIX.

«Não consegui ingresso, mas estou aqui para lembrar que os brasileiros de Portugal não esquecem o golpe», conta ao SOL um jovem brasileiro, equipado com um cartaz onde se pode ler «FORA TEMER!», minutos antes da abertura das portas. Não parece, no entanto, muito chateado por não ter conseguido o bilhete mágico. «Vim dar força à Dilma», explica, sorridente, antes de se juntar ao coro de entusiastas que, ostentando ao peito cravos vermelhos e amarelos, cantam com energia: «Dilma guerreira da pátria brasileira!».

Deposta do cargo presidencial no final de agosto do ano passado, após um longo processo de *impeachment*, justificado pela prática de um crime de responsabilidade por irregularidades orçamentais, Dilma Rousseff tem viajado pelo mundo com o intuito de denunciar aquilo que rotula como um «salto à democracia». Foi precisamente essa a missão que a trouxe ao Trindade, pelo que cada vez que da sua boca saíam as palavras «golpistas», «interesses ilegítimos» ou «forças que perderam», os espetadores abanavam a cabeça de descontentamento. «Foi golpe ou não foi?», lançava para a sala. «Foi golpe!», respondia o pú-

Ambiente de festa no Trindade fez lembrar um comício partidário.

blico energético. «Houve ou não houve golpe??», repetia Dilma. «Houve!!», devolvia a assistência.

Democracia sob ataque

A euforia efervescente que vinha da Rua Nova da Trindade e que se sentia na sala, foi dando lugar, a pouco e pouco, a um silêncio devoto para ouvir Dilma. A antiga Presidente narrou então, detalhadamente, os principais feitos alcançados durante os 13 anos de governação do PT, iniciados em 2003 com a eleição presidencial de Lula da Silva e apontou as «políticas sociais», o «investimento em educação e saúde» e a «luta contra a fome e a pobreza», como a base política de um rumo definido para o

país, que não agradou a todos, no Brasil, particularmente aos «interesses» às «oligarquias», financeiras e do setor da comunicação social, «estabelecidos desde o tempo da ditadura».

Esse descontentamento, acusou Dilma, levou «fungos e parasitas» a pensar em estratégias para «atacar a árvore» e «assaltar a democracia», de forma mais intensa a partir de 2014. Segundo a ex-Presidente, a missão assumida por Lula, e por ela própria, em desafiar o processo de transformação da América Latina numa região neoliberal – iniciado no final dos anos 90 e inícios do século XX, através da privatização de empresas estatais e da consequente redução do papel do Estado – recorrendo ao

investimento em educação, casas e aposentadoria – «os três elementos básicos» da igualdade, como descreveu Dilma – e à «inclusão dos pobres no orçamento», fez acelerar o plano, que viu nas «três crises financeiras que o Brasil enfrentou» o cenário perfeito para o «assalto ao poder», que culminou na

Dilma fez uma descrição detalhada do «golpe» que levou à sua deposição da presidência



votação favorável do seu *impeachment*, no último dia de agosto, no Senado, e no afastamento de alguém que contava com o respaldo de «54,5 milhões de brasileiros».

Lula é solução

Dilma Rousseff não tem, pois, dúvidas quanto ao futuro. «Uma vez dado um golpe, o risco de haver novo golpe é enorme», acusou a oradora. E como as eleições presidenciais de 2018 estão já aí à porta, disse ser essencial aproveitar essa ocasião para «discutir os grandes problemas nacionais» e «reformar a política brasileira», defendendo a única solução possível para evitar a «conspiração da democracia»: através do apoio à

candidatura à Presidência de Lula da Silva. «Apesar da campanha dos media contra ele, da tentativa de alteração das regras do jogo e de estarem a fazer tudo para o retirar da eleição, Luiz Inácio Lula da Silva ainda é o mais querido do povo brasileiro. É essencial para a democracia do Brasil que ele não seja impedido de concorrer às eleições de 2018», defendeu Dilma, fazendo a sala explodir de alegria.

Neste sentido, denunciou, as acusações judiciais que recaem sobre Lula, no âmbito da Operação Lava Jato, dão corpo à missão liderada pelas «forças que perderam», orientadas para a «extrema-direita», para travar a «única candidatura

que pode travar o regresso da ditadura e da tortura» ao Brasil.

No final da sua intervenção, Dilma deixou um agradecimento aos milhões que aderiram à greve, naquele mesmo dia, no Brasil, e aos que ficaram à porta do Trindade, sem bilhete, mas com sorrisos e cartazes. E lançou um apelo à audiência imigrante: «Brasileiros de fora podem dar uma mãozinha. Ajudem-nos e estejam atentos».

Todos se levantaram, caíram cravos dos camarotes e a «Dilma guerreira» caminhou calmamente até aos bastidores, perfeitamente consciente de que cumpriu a sua missão: dar o pontapé de saída na campanha presidencial de 2018.

Ambiente de campanha também em São Paulo

Em dia de greves por todo o Brasil, Lula discursou na Avenida Paulista e despediu-se com um «até à vitória!»

No mesmo dia em que Dilma Rousseff fazia campanha por Lula da Silva, em Lisboa, o próprio subia igualmente a um palco, montado na grandiosa Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, para protestar contra o «golpe» e contra as reformas da Previdência social do Brasil, ordenadas por Michel Temer. «Está ficando cada vez mais claro que o golpe dado neste país não foi apenas contra a Dilma, mas contra os partidos de esquerda, [quando] foi colocado [no poder] um cidadão, sem nenhuma legitimidade, para acabar com as conquistas, ao longo de anos, da classe trabalhadora», acusou o antigo Presidente, citado pela *Folha de São Paulo*, perante um multidão que, de acordo com os organizadores do protesto, atingiu as 350 mil pessoas.

Embora Temer tenha garantido que a reforma se destina a «salvar a Previdência do colapso», Lula acusou o chefe de Estado de ser «fraco» e de estar a «enfiar goela abaixo» da sociedade brasileira, uma reforma que «vai fazer com que milhões de brasileiros fiquem impedidos de se reformar», e que resultará numa situação em que os trabalhadores mais pobres «passem a

receber metade de um salário mínimo».

Centenas de milhares de brasileiros aderiram ao 'Dia Nacional da Paralisação', convocado pelas centrais sindicais e movimentos sociais de todo o país, saindo às ruas do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, do Recife, de Salvador ou da Fortaleza, num protesto que se fez sentir em 22 capitais estaduais. Para o coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, quarta-feira foi um «dia histórico» para os brasileiros. Citado pela *Carta Capital*, Guilherme Boulos deixou bem claro que se o Governo decidir manter este rumo, ainda vai enfrentar «a maior greve geral que o Brasil já viu».

A presença de Lula da Silva em São Paulo foi guardada em segredo durante as semanas que antecederam à greve, pelo que a sua aparição e a forma como foi recebido, euforicamente, na Avenida Paulista, teve contornos de uma verdadeira noite de campanha eleitoral, rumo às presidenciais de 2018. «Só quando tivermos um Presidente legítimo é que vamos conseguir fazer este país voltar a crescer, a gerar emprego e a recuperar a confiança», foi uma das frases de Lula que deixou água na boca dos manifestantes. E se alguém duvidava da verdadeira natureza das suas palavras, Lula desfêz as dúvidas quando, no final dos oito minutos de discurso, se despediu com um «até à vitória!».



Lula da Silva fez duras críticas ao governo «legítimo» de Temer